

29. A gente não conseguiu evitar a propagação do vírus

Magno dos Santos

Me chamo Magno dos Santos, sou indígena da etnia Karipuna, da Aldeia Manga, região Curipi, Terra Indígena Uaçá, Oiapoque. Tenho 22 anos, sou representante regional e faço parte do grupo de conselheiros da minha comunidade. Hoje, dia 16 de junho de 2020, vou falar como a pandemia atingiu a minha comunidade. Quando a pandemia surgiu a gente já se sentiu preocupado, porque a gente viu como ela teve efeito nos países vizinhos. A nossa preocupação maior foi quando a gente viu que os grupos de risco eram os nossos idosos, porque os nossos idosos guardam as nossas histórias, que até hoje a gente preserva, eles também são nossos dicionários vivos, mas antes disso não tinha aquele medo grande.

A gente veio a se preocupar quando apareceram os primeiros casos, tanto na Guiana Francesa quanto no Oiapoque. Então o nosso grupo de caciques, reunidos no Conselho de Caciques (CCPIO), se mobilizou e pediu de imediato uma barreira sanitária que iria acontecer no Km-18, a entrada da nossa Terra Indígena Uaçá. O objetivo principal dessa barreira era para que não houvesse nem saída e nem entrada de pessoas, para que não chegasse a contaminação dentro da comunidade, para que pessoas não trouxessem a contaminação para nossas aldeias.

No início surtiu efeito, todos nós vimos que estava sendo uma barreira boa e todos nós estávamos respeitando. Mas aconteceu que membros das nossas comunidades já estavam ficando sem os seus produtos essenciais e sem os seus produtos de higiene. Então o Cacique, juntamente com a comunidade, fez uma reunião interna para ver uma estratégia sobre como as pessoas iriam se movimentar da aldeia até o Oiapoque e como seria essa medida de prevenção para que não houvesse o contágio dentro da comunidade. Eles pensaram em estratégias, mas sabemos que a gente trabalha com várias regiões e sabemos que são várias comunidades...

Na primeira vez que foi aberta a barreira o pessoal foi até o Oiapoque, fizeram suas compras e teve todo um controle do quantitativo de pessoas que poderia ir, até aquele

momento estava tudo bem e pensávamos que a gente estava fazendo a coisa certa, a gente não sabia que iria enfrentar a COVID-19 tão rápido...

Depois que o pessoal saiu da sua comunidade e foi até o Oiapoque, logo tinha sintomas dentro da comunidade, mas as pessoas não procuraram um Posto de Saúde, nem nada. E só quando foi confirmado o primeiro caso da COVID-19 dentro da aldeia é que o Cacique e o Conselho tomaram a atitude de fazer o isolamento de todos os membros da comunidade, que só saíssem das suas casas se fosse realmente necessário, se fosse para algo de extrema importância, mas, infelizmente, mesmo com todas as medidas que a gente tentou tomar dentro da comunidade, a gente não conseguiu evitar a propagação do vírus, e várias pessoas foram contaminadas, incluindo idosos e crianças, mas a gente não teve nenhum óbito dentro da nossa comunidade, tivemos alguns casos graves, mas foram poucos.

Na maioria dos casos a gente teve pessoas que sentiram sintomas leves, eu tenho para mim que eu contrái o vírus, mas eu não apresentei quase nenhum tipo de sintoma, a única coisa foi que eu perdi o paladar, eu não sentia gosto de nada. Não tive febre, não tive dor de cabeça, não tive problemas com hipertensão, minha pressão nem subiu. Mas outras pessoas na aldeia sentiram muita febre, muita dor de cabeça, mal estar, dor no corpo.

Nosso isolamento domiciliar na aldeia passou a ser mais rígido e as pessoas deveriam ficar em suas casas por, pelo menos, 14 dias, e houve o fechamento de tudo, dos comércios, do campo de futebol, de todos os lugares onde poderia haver aglomeração. Os trabalhos comunitários tiveram que parar, e também as reuniões. Acontecia as reuniões, mas era somente com o Cacique e o seu Conselho, a comunidade não participava.

A COVID-19 é uma doença grave, a gente tem que ter preocupação mesmo! Hoje a gente vê relatos de pessoas que ainda não estão bem, mas, por necessidade, continuam trabalhando nas suas roças, continuam fazendo seus trabalhos! Mas, graças a Deus, a gente tem nossos chás, foi algo que ajudou muito a gente aqui na aldeia, os nossos chás. O povo aqui fazia muito chá e o pessoal tomava. Teve pessoas que reagiram super bem com o chá e eu posso dizer que muitas pessoas foram levantadas através desses chás, eu sou uma delas e estou contando aqui como foi passar pela doença.

Eu vi meu pai, eu vi minha mãe, eu vi a situação deles... Não foi uma coisa tão grave, mas foi preocupante. A gente via na televisão como que estava acontecendo, mas a gente acreditava que tudo iria passar e que a gente iria conseguir superar, e foi o que aconteceu, a gente conseguiu superar e estamos nos recuperando. Mas o isolamento e o distanciamento

ainda continuam porque ninguém sabe como que funciona a recaída da COVID-19 para as outras pessoas, porque uma pessoa que já contraiu o vírus a gente não sabe como que funciona, então a gente continua com esse medo e com esse receio de contrair novamente.

Uma coisa que a gente tem que colocar na cabeça é que a gente precisa mesmo zelar pela nossa vida, e não só pela nossa, pela dos outros, porque se a nossa vida não foi prejudicada, a vida de outra pessoa pode ser prejudicada. Então é isso, muito obrigado!

Aldeia Manga, Oiapoque, Amapá, Brasil

16 de junho de 2020

Relato recebido em áudio e transcrito por Danilo Rufino Cavalcante de Sousa